



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A CULTURA EM SALA DE AULA: Lendas, Cantigas Populares e Anedotas – Relato de Experiência

Esthéfany A. B. Amaral
(UEG – Câmpus Inhumas)
Thierry A. F. Barbosa
(UEG – Câmpus Inhumas)

RESUMO: O presente trabalho visa relatar as experiências acadêmicas durante o período de regência do Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa do curso de Letras-Português/Inglês, da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Inhumas, no segundo semestre de 2015. Nosso planejamento se concretizou em oficinas do contra turno, no Colégio Estadual de Tempo Integral Horácio Antônio de Paula, em turmas de 6º ano. Nossas aulas foram elaboradas com o apoio da professora regente e da professora orientadora de Estágio supervisionado, sob a proposta de leitura e interpretação com o tema Lendas, Cantigas Populares e anedotas com o intuito de conscientização da importância de nossa cultura. Trabalhamos em nossas oficinas leitura, interpretação e produção de textos por meio de textos e canções referentes aos gêneros citados, mas também procuramos introduzir a gramática, contextualizando-a de forma com que os alunos pudessem problematizá-la segundo suas experiências, pensando na perspectiva de um ensino pautado no cotidiano dos alunos, visto que “na escola antiga, o professor cometia o erro de entender como *a* língua aquela modalidade culta – literária ou não – refletida no código escrito ou na prática oral que lhe seguia o modelo, de todo repudiando aquele saber linguístico aprendido em casa, intuitivamente, transmitido de pais a filhos.” (BECHARA, 2002, p. 14). Neste, há relatos de nossas ações, percepções e reflexões acerca do período de estágio.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio. Contexto. Cultura.

INTRODUÇÃO

O presente texto trata das reflexões acerca do período de Estágio Supervisionado em língua portuguesa, realizado em uma escola Estadual de Tempo Integral em Inhumas, Goiás. O ponto de partida foi conhecer o contexto da escola em seus aspectos físicos, administrativos e, sobretudo, pedagógicos para a realização do período de regência. Após a etapa de semirregência, na qual participamos das aulas de língua portuguesa em diferentes turmas, a turma escolhida para aplicar o projeto foi a do 6º ano. Consideramos que o colégio oferece um bom espaço para o desenvolvimento das aulas, apesar de não dispor de muitos equipamentos que se fazem necessários. Não ocorre superlotação de salas de aula e os alunos apresentaram certa dificuldade com leitura.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

No período de semirregência pudemos notar que os alunos apresentam dificuldades de leitura, mais especificamente na interpretação dos textos, sobretudo em relação às informações implícitas do texto. Além de dificuldades na escrita, tanto na grafia de palavras quanto na expressão do pensamento de forma linear e organizada. Nesse sentido, ao pensarmos o planejamento colaborativamente, optamos por aulas diversificadas que levassem em conta a voz do aluno, com muita leitura, interpretação e gramática a partir dos textos propostos.

Com enormes dificuldades de leitura, o aluno se vê frustrado no seu esforço de estudar outras disciplinas e, quase sempre, “deixa” a escola com quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente diferente, inferior, não podendo, portanto, tomar a palavra ou ter voz para fazer valer os seus direitos, para participar ativa e criticamente daquilo que acontece à sua volta. (ANTUNES, 2003, p.20).

KLEIMAN (2001) diz que “a leitura é um ato individual de construção de significado num contexto que se configura mediante a interação entre autor e leitor, e que, portanto, será diferente para cada leitor”. Seguindo esse pensamento o projeto realizado no estágio foi desenvolvido a fim de que o interesse do aluno pela leitura fosse despertado numa perspectiva de Letramento, para que o mesmo consiga desenvolver-se em sociedade.

Daí a importância de conscientização da importância do domínio da língua materna, não ao que concerne a gramática normativa, mas sim aquela presente nos desafios do cotidiano. Assim, cabe ao professor estimular a leitura e escrita de seus alunos, pois “além do aspecto utilitário (...), a aprendizagem da leitura assume uma função social, de resgate da cidadania, uma vez que possibilita ao leitor conhecer, refletir e atuar sobre uma dada realidade.” (BRITO, 2003, p. 23).

Nosso objetivo funda-se no problema identificado na escola-campo, e nossa principal pretensão é conscientizar os alunos da importância da leitura e escrita em suas vidas em sociedade, bem como de sua cultura, visto que “a escola como um todo harmônico e cada matéria como um componente desta orquestra têm como escopo e fim essencial a cultura integral dos educandos.” (BECHARA, 2002, p. 23), assim como estimular o aluno à prática de leitura, propiciar a mediação para que desenvolvam diferentes procedimentos de leitura e



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

possibilitar que os alunos tenham acesso a diferentes gêneros e temas, visando a formação de diferentes pontos de vista.

Portanto optamos por trabalhar o gênero contos populares, o qual engloba Lendas, Cantigas Populares e anedotas, por se tratar de narrativas curtas e de fácil compreensão bem como, ter forte ligação com o contexto dos alunos. Levando em conta que:

Quando falamos em tomar os gêneros como objetos de ensino, estamos apostando em um processo de ensino-aprendizagem de língua materna que permita ao sujeito-aluno utilizar atividades de linguagem que envolvam tanto capacidades linguísticas ou linguístico-discursivas, como capacidades propriamente discursivas, relacionadas à apreciação valorativa da situação comunicativa e como, também, capacidades de ação em contexto. (Rojo *apud* BUNZEN, 2006, p. 155).

Trabalhando com diferentes gêneros mostra-se ao aluno que não há somente uma forma de se expressar, e que tem contextos que exigem determinados gêneros. O aluno que se depara com esses gêneros vai saber se sobressair nas situações, desafios impostos pela sociedade. Não há grandes fórmulas para mudar a realidade do ensino, o que se deve fazer é procurar ao máximo formas de preparar o aluno para o futuro cidadão que será capaz de defender seus direitos, ao mesmo tempo em que cumpre seus deveres.

Portanto não se pode, simplesmente, reclamar das dificuldades da escola pública, é necessário agir. De que adianta dizer que os problemas não mudam, se cada professor pode fazer a diferença e simplesmente não o faz?

Talvez por isso os resultados de nossas aulas de línguas não tenham convencido a sociedade de que o *professor de línguas – sobretudo o professor de língua materna – é uma figura muito significativa* para a elevação dos padrões de desenvolvimento da sociedade. (ANTUNES, 2010, p. 41).

Procuramos desenvolver nosso planejamento centrado, principalmente em estratégias de leitura, pois sabemos que são essas que os alunos levarão para toda a vida. O uso dessas estratégias em sala de aula é imprescindível, visto que são elas as responsáveis por mostrar aos alunos do que tratará o texto, se eles já têm conhecimento prévio a respeito do assunto, etc. Partindo do pressuposto que:



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

A função mediadora que o professor possui no desenvolvimento da competência de leitura dos estudantes é muito importante. Como mediador, cabe ao professor a tarefa de ajudar seus alunos a dominarem estratégias de leitura que lhes sejam úteis nos atos de interpretação textual. Essas estratégias são ações procedimentais estreitamente vinculadas aos conhecimentos prévios dos estudantes, as quais precisam ser abordadas em sala de aula. (OLIVEIRA, 2010, p. 71).

Nesse sentido, planejamos e executamos nossas aulas pensando no bem estar dos alunos, em atividades nas quais eles poderiam interagir ao mesmo tempo em que identificariam traços de sua cultura. Visto que “o professor ajuda a criar uma atmosfera afetiva (emocional e psicológica) positiva para facilitar o aprendizado dos seus alunos – isso significa que o professor não assume a atitude de falsa erudição (...) (OLIVEIRA, 2010, p. 29)”.

Desse modo, acreditamos que as pequenas mudanças fazem grandes diferenças na sociedade, devido a isso procuramos desenvolver o período de estágio de maneira que se tornasse uma experiência satisfatória e estimulante ao mesmo tempo, tanto para nós, futuros professores, quanto para aqueles que serão o futuro de nossa nação!

PERCURSO METODOLÓGICO

A proposta desenvolvida no estágio Supervisionado de Língua Portuguesa e Literatura I apresentou, de maneira dinâmica e inovadora, os contos populares (Lendas, Cantigas Populares e anedotas). Sabemos que não é simples desenvolver algo criativo e inovador no ensino de leitura, mas através das estratégias de leitura utilizadas e da forma dinâmica como passamos o conteúdo, podemos afirmar que as informações propostas foram bem entendidas pelos alunos.

Após ter discutido com a professora regente, chegamos ao consenso de trabalhar com Lendas, Cantigas Populares e anedotas, por se tratar de gêneros diversos, e também por se tratar de algo possível de se aproximar da realidade dos alunos. Apesar de ser um tema muito



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

trabalhado na escola, procuramos levar para a sala de aula atividades diversificadas, a fim de despertar o interesse dos alunos pela leitura e pela temática da cultura popular.

Na primeira aula como regentes, iniciamos informando aos alunos sobre quem éramos e o que estávamos fazendo ali, eles foram muito receptivos. A professora regente nos apresentou formalmente e disse que seríamos nós os professores deles por alguns dias. Logo após, iniciamos a aula problematizando acerca do gênero lenda: O que vocês entendem por Lenda? Quais as características de uma Lenda? Em seguida, fizemos uma breve explicação.

Na sequência, entregamos a eles imagens do fogo e perguntamos qual seria a história dele. Essa aula foi muito produtiva, tivemos a colaboração de todos os alunos, atribuímos isso ao tema que os interessou bastante. Trabalhamos nessa aula a leitura de várias lendas, tais como: A lenda do fogo e a explicação de como surgira, por professor Carlos, Bahira, o pajé que roubou o fogo, de Flávia Savary. Além da leitura foi trabalhada a produção escrita visto que “a produção escrita de textos, pertencentes a inúmeros tipos, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino.” (BRITO, 2003, p. 65).

Assim, entendemos que, ao ter contato com diferentes tipos de textos, com diferentes formas de produção, o aluno aprende diferentes formas de se expressar, seja pela escrita de textos formais ou informais. Com estes textos, procuramos utilizar variadas estratégias de leitura acerca do título, do tema e até mesmo do nome das personagens, bem como leitura compartilhada de todos os textos. Uma das principais estratégias utilizadas foi a inferência, pois de acordo com Brito:

(...) pelo meio da qual o leitor complementa a informação disponível, utilizando-se dos conhecimentos conceituais e linguísticos, bem como dos esquemas que possui. É possível inferir tanto a informação textual explícita quanto a implícita, ou seja, a inferência é utilizada quando se quer saber a respeito do antecedente de um pronome, sobre as preferências do autor ou até mesmo sobre uma palavra que apareceu no texto com erro de imprensa. (BRITO, 2003, p.49).

A preferência por esta, se deu justamente por utilizar os conhecimentos prévios do aluno e o que ele pensa a respeito das decisões do autor no texto, se poderia ser diferente ou não. Acreditamos que isso também contribua com a formação do leitor crítico, visto que cabe



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

a nós professores “(...) primeiro ministrar aos seus alunos conteúdos capazes de levá-los à compreensão do mundo que os cerca, nos mais variados campos do saber”. (BECHARA, 2002, p.24).

A segunda aula iniciou-se com a seguinte pergunta: Vamos sair da Amazônia e fazer uma visita à Grécia Antiga? Fizemos um breve resumo da história de Hércules e entregamos aos alunos árvores genealógicas dos deuses. E em seguida, pedimos aos alunos que produzissem uma lenda com base na árvore genealógica dos deuses. Ao final, os alunos socializaram suas lendas. Decidimos proceder dessa maneira, pois de acordo com Brito (2003), há alguns tempos a gramática tem sido o privilégio, e devido a isso a produção textual e escrita e a leitura eram isolados de seus usos na interação entre os sujeitos, com a crença de que bastava saber a gramática para se tornar um escritor eficiente.

Na terceira aula, introduzimos o gênero Cantigas Populares problematizando acerca de: O que vocês entendem por Cantigas Populares? Quais as características desse gênero? Vocês já ouviram alguma Cantiga Popular? Qual? Projetamos algumas imagens de violeiros repentistas, cantores de hap e lavadeiras. E problematizamos: “O que as pessoas estão fazendo em cada imagem?”, “O que vocês acham que elas têm a ver com o gênero que estamos estudando – Cantigas Populares?”. Decidimos fazer essas indagações refletindo a partir de autores como Antunes, que nos conscientizam da importância da escola na formação de cidadão críticos, segundo a autora:

As imensas desigualdades sociais que marcam a realidade brasileira têm um grande reforço na escola que não alfabetiza, na escola que não forma leitores críticos, na escola que não desenvolve o poder de argumentar – oralmente e por escrito – de criar, e colher, de analisar e relacionar dados, de expressar, em prosa e em verso, os sentidos culturais em circulação. (ANTUNES, 2010, p. 41).

Feito isso, aplicamos atividades de compreensão em relação às imagens e fizemos a socialização das respostas dos alunos. Acreditamos que essa foi a aula que mais os agradou, atribuímos isso ao fato de ter sido trabalhado música, e como tema tinha o gênero hap, gênero musical presente na realidade de muitos deles. Na quarta aula, sequenciamos o gênero



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Cantigas Populares. Entregamos versos aos alunos, fragmentos de textos, eles fizeram a leitura e de acordo com o assunto tratado em cada verso e pelo ritmo, eles montaram o texto.

Essa aula foi muito interessante, cada um montou de maneira peculiar o seu texto, e eles notaram isso ao ouvirem os colegas lendo. E, ao final fizemos a leitura dos textos completos, em sua verdadeira forma. Privilegiamos, em sala de aula, aquilo que tanto necessitamos lá fora, a facilidade de expressão no mento de interação em diferentes contextos. Levando em conta que a linguagem deixou de ser apenas expressão do pensamento e meio de comunicação. “Ela é reconhecida como uma forma de ação, um processo de estabelecer vínculos, de criar compromissos entre interlocutores.” (GUEDES, 2002, p. 87).

Assim, não faz sentido o planejamento de aulas, nas quais os alunos só tem contato com o livro didático, além de atividades de mera compreensão, as quais, muitas vezes, nem recebem a correção coletiva de professor-aluno. São pequenos detalhes, porém acreditamos fazer muita diferença!

Na quinta aula, começamos a trabalhar o gênero Anedotas. Dirigimos as seguintes questões aos alunos: O que são anedotas? Vocês já ouviram uma? Anedotas possuem característica específica? Vocês sabem contar? Apresentamos alguns textos do gênero Anedota, ao notarem que se tratava de piada, eles nos disseram que não sabiam que esse era o nome, pois só haviam ouvido falar em piadas. Mais uma vez utilizamos uma estratégia de leitura que caiu muito bem ao gênero, a predição, principalmente em relação aos títulos e ao tema cômico. Levando em conta que “como o professor já conhece o texto, ele pode servir de orientador para as predições sobre o desenvolvimento do tema, fornecendo ao aluno aquelas pistas necessárias para a predição.” (KLEIMAN, 2001, p.56). Em seguida, aplicamos atividades de compreensão, primeiramente oral, posteriormente os alunos se sentaram, trocaram ideias para que respondessem os exercícios, privilegiando mais uma vez a interação dos mesmos.

Na sexta aula, encerramos o gênero Anedota com aplicação e leitura compartilhada de uma anedota que envolve mãe e filho. Antes da leitura fizemos as seguintes perguntas: “O que vocês acham que essa anedota fala? O que vai acontecer? Após a leitura pedimos que os alunos dessem um outro desfecho à anedota, todos participaram. Logo após, aplicamos atividades acerca das anedotas lidas.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

Nas duas últimas aulas, fizemos algo diferente, pegamos todos os textos trabalhados e fizemos duas aulas acerca de gramática na reconstrução dos sentidos dos textos nos gêneros estudados. Pois, entendemos e pregamos a importância da gramática contextualizada, isto é, a gramática dentro dos textos que fazem parte da vida cotidiana dos nossos alunos.

Assim como a biologia revela alguns aspectos da estrutura e do funcionamento dos seres vivos, assim como a geografia leva o aluno a conhecer o planeta onde vive, a gramática lhe traria algum conhecimento da linguagem, esse maravilhoso e complexo mecanismo que lhe permite comunicar-se com seus semelhantes. Em uma palavra, deve-se estudar a gramática para saber mais sobre o mundo; não para aplicá-la à solução de problemas práticos tais como ler ou escrever melhor. (PERINI, 2003, p. 55).

Nesse sentido, optamos por incluir a gramática nos textos já lidos, a fim de mostrar aos alunos que a gramática não é tão ruim quanto muitos falam, muito pelo contrário, eles são capazes de entender. Devido a isso, a penúltima aula foi relacionada Lendas, os alunos se sentaram em grupos e fizeram as atividades, algumas foram feitas oralmente. Já a última aula, girou em torno do gênero Cantigas populares e utilizamos o mesmo procedimento, algumas questões foram respondidas oralmente.

Creio que posso dizer que o estágio foi uma fase muito relevante em nossas vidas acadêmicas, visto que, estamos diante dos desafios impostos no dia a dia do professor, nos sobressaímos e conseguimos finalizar nosso trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao finalizarmos nossa regência, nos sentamos para discutir acerca dos nossos objetivos e se os mesmos haviam sido alcançados. Fazendo algumas reflexões em relação a nossa ação percebemos que nós nos subestimávamos, pois no início não acreditávamos que poderia surtir efeito de formas diferentes de trabalhar com a temática da cultura popular por meio da leitura e interpretação de diferentes gêneros textuais. No entanto, felizmente, tudo ocorreu muito bem, sentimos que os alunos se interessaram pelas aulas, visto que interagiram de forma espontânea. Dessa forma, acreditamos ter deixado uma sementinha cair naquela



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

escola, que os alunos despertaram interesse pela nossa cultura, pois levamos temas e textos atuais, até mesmo se tratando de lendas. Muitos nos disseram: “Minha avó nunca me contou isso!” e ao mesmo tempo tiveram a oportunidade de expor as histórias trazidas de casa.

Como tudo na vida tem de ter desafios, numa profissão tão desafiadora quanto ser professor não poderia ser diferente, encontramos alguns entraves no caminho para a realização de nosso planejamento, tivemos que adequá-lo, pois sabíamos das dificuldades dos alunos em relação à leitura e escrita, mas surgiu uma questão: depois de muitos métodos a realidade ainda não mudou, então o nosso desafio era exatamente esse, procurar métodos diferentes, algo que lhes chamasse a atenção, e cremos ter funcionado.

Outro entrave foi quanto ao horário de duração das aulas, por utilizarmos métodos como leitura compartilhada, correção coletiva de exercícios, enfim, métodos que priorizam a interação, muitas vezes, não conseguimos finalizar a aula como o planejado. Pelo fato de nosso planejamento ter se realizado na época do folclore da escola, outro entrave foi quanto às festividades, o que na verdade, acabou por nos ajudar, pois ficamos na escola e participamos junto dos alunos, o que nos deu a oportunidade de conhecê-los melhor.

Acreditamos que muitas das mudanças na educação que tanto almejamos estão em nossas mãos, professores devem começar a diferença dentro de sua sala de aula conhecendo seus alunos e adequando seu planejamento às necessidades de cada um deles. Ao optarmos pela concepção de ensino aprendizagem interacionista pretendíamos instigar os alunos a falar, a dar suas opiniões, porém nos surpreendemos com a facilidade com que cada um se posicionou e conseguiu realizar todas as atividades independentes do gênero trabalhado.

As aulas ficaram diversificadas e com muita agitação, não aquela agitação prejudicial ao aprendizado, e sim aquela que surge das trocas de ideias, da interação entre professor aluno e aluno-aluno.

Talvez não tenhamos feito considerável diferença na vida daqueles alunos, mas com certeza eles fizeram algo por nós, nos mostrou que tudo vale a pena quando se tem um objetivo a alcançar, pois até mesmo os imprevistos ficam a nosso favor quando as coisas têm de acontecer. Só temos a agradecer a oportunidade que o curso de licenciatura nos oferece por entrar em sala de aula no período de estágio para que possamos adquirir experiências e refletir



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

sobre o que tem de ser mudado, tudo isso nos influenciará quando formos regentes, quando tivermos nossa própria sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões feitas ao final de cada aula, chegamos à conclusão que conseguimos com sucesso despertar o interesse dos alunos pela leitura e também, pela escrita por meios diferentes dos tradicionais, isto é, levando textos da realidade deles, coisas que eles conhecem. Percebemos que os alunos gostam muito de ser ouvidos, gostam de atenção e se prestarmos atenção no que eles dizem e soubermos problematizar isto, formaremos ótimos cidadãos sem sequer termos noção disso.

No estágio, nossas expectativas relacionadas ao contato com os alunos e o objetivo em contribuir para o aprendizado deles, só cresceram em cada aula ministrada. Dessa forma, compreendemos a realidade do ensino, as limitações que cada professor enfrenta no cotidiano em uma sala de aula. Todos temos obstáculos a enfrentar, mas nos pareceu que para cada obstáculo desse houve muitas outras coisas boas, não ouvimos reclamações direcionadas nem a nós, nem ao planejamento e nem aos métodos, e isso foi o que nos deu a sensação de termos conseguido.

Pensamos que seríamos apenas mais um grupo a sair frustrado após a conclusão do estágio, no entanto, nos sentimos mais confiantes, mesmo já trabalhando na área. O estágio só veio a acrescentar na vontade incessante de mudar as coisas começando pela nossa sala de aula, bem como da certeza de nos tornarmos profissionais tão exemplares na sociedade, capazes de formar todas as outras profissões, o ser professor!

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Análise de textos: fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola, 2010.
- BECHARA, Evanildo. *O ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 11.ed. São Paulo: Ática, 2002.
- BRITO, Eliana Vianna. *PCNs de língua portuguesa: a prática em sala de aula*. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.



Anais do Simpósio de Prática e Ensino de Línguas – SIMPEL

BUNZEN, Clécio. Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. Da redação escolar ao texto: um manual de redação. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de leitura: teoria & prática. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PERINI, Mário. Sofrendo a gramática. São Paulo: Editora Afiliada, 2003.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola, 2010.